

Eletrônicos continuam em alta

por Rita Karam
de São Paulo

A economia permanecerá estável, favorecendo o financiamento, e as medidas anti-recessivas adotadas no final de 1995 vão colocar mais dinheiro no consumo. Este é o cenário com que trabalha a indústria eletroeletrônica em 1996. A expectativa é de crescimento de cerca de 15% no faturamento e da ordem de 20%, em volumes. Os empresários do setor apostam em resultados positivos já no primeiro semestre e, para isso, contam com o estímulo adicional da realização das Olimpíadas – já que, em época de competições mundiais, há sempre incremento de vendas.

Nos últimos três anos as estimativas dos fabricantes têm sido superadas com folga, mostrando-se muito conservadoras. Só no ano passado o crescimento médio do setor foi de 33%. A demanda reprimida ainda é grande; apenas 20% dos lares brasileiros contam com produtos como lavadoras, freezers, secadoras ou fornos de microondas, e mesmo os produtos mais utilizados, como as geladeiras, estão presentes em cerca de 80% das casas, segundo estudo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

O vice-presidente da General Electric do Brasil – que em junho

último assumiu a comercialização de seus eletrodomésticos no País (– até então era feita por uma empresa ligada à Casa Centro) – pretende aumentar o volume de vendas de US\$ 6 milhões para cerca de US\$ 15 milhões neste ano. Além da conquista de novos clientes, a expectativa do vice-presidente da empresa, Nahid Chicani, é de que a atividade no segundo semestre seja bastante forte, com crescimento real do País de 5%, até como resultado de processos de privatização.

Marcos Magalhães, diretor da divisão de componentes da Philips, disse que a produção deve aumentar pelo menos 20% neste ano. ■